Vir bonus peritissimus aeque.

Estudos de homenagem
a
Arnaldo do Espírito Santo

Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto
(eds.)

Centro de Estudos Clássicos

LISBOA
2013

Título:

Vir bonus peritissimus aeque.
Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo

Edição de:

Maria Cristina Pimentel
Paulo Farmhouse Alberto

Revisão: Ana Matafome, Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

Publicado por:

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade
1600-214 Lisboa – Portugal
Tel.: (351) 217 920 005
Fax: (351) 217 920 080
E-mail: centro.classicos@fl.ul.pt
Website: http://www.fl.ul.pt/cec

Paginação e impressão:

Grifos – Artes Gráficas, Lda.

Capa: Paulo Pereira

Foto de capa: José Furtado

Número de exemplares: 500

Lisboa | 2013

ISBN: 978-972-9376-29-0

Depósito Legal: 366077/13

Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações)[1]

João Manuel Nunes Torrão
Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
jtorrao@ua.pt

A obra de Dioscórides *De medica materia* teve uma fortuna assaz assinalável, ao nível da edição, começando a aflorar ainda em finais do século XV e obtendo um forte destaque, sobretudo, no século XVI[2]. Se quisermos utilizar uma expressão atual, poderemos dizer que esta obra esteve verdadeiramente na moda nesta época. De facto, além de toda a longa tradição medieval que se concretizou em diferentes percursos, ao nível das edições impressas, ainda no século XV, aparecem os comentários de Serapião e uma tradução latina publicada em Itália, em 1478, com glosas de Pietro d'Abano – mas com o editor, Johannes Allemanus de Medemblick, a não conseguir separar de forma eficaz as glosas do texto traduzido –; e, já mesmo no final do século, surge a edição *princeps* em grego por Aldo Manúcio, em 1499.

É, porém, no século XVI, que ocorre uma autêntica "febre" em torno desta obra com as edições (em grego, em latim, em grego e em latim, com comentários, com ilustrações, etc.) a surgirem umas atrás das outras e, em alguns casos, com reedições sucessivas. Para mencionar, apenas, alguns dos nomes mais relevantes que se dedicaram a esta obra podemos mencionar João Ruélio, Hermolau Bárbaro, Marcelo Virgílio, Mattioli, Andrés Laguna, Otto Brunfels, Textor, etc., etc..

---

[1] Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano" do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

[2] Veja-se a este propósito todo o conjunto de referências bibliográficas e o bem documentado estudo de Tess Ann Osbaldeston e Robert P. Wood em Dioscorides, *De materia medica. Being an Herbal with many other Medicinal Materials written in Greek in the first century of the Common Era. A new indexed version in Modern English* by TA Osbaldeston and RPA Wood. Johannesburg, Ibidis Press, s.d. A primeira edição é de 2000.

Maria Cristina Pimentel, Paulo F. Alberto (eds.), Vir bonvs peritissimvs aeqve. *Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo,* Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2013, pp. 601-609.

Quem também entrou nesta onda – e relativamente cedo, diga-se desde já – foi o português João Rodrigues de Castelo Branco, que, a partir de determinada altura, passou a assinar os seus trabalhos e a ser conhecido como Amato Lusitano[3]. Este autor teve uma vida dedicada ao estudo e ao trabalho, mas, por circunstâncias próprias da época em que viveu e devido ao facto de ser de ascendência judia, acabou por ter um percurso de grande errância e de muita tribulação através da Europa.

É durante esta errância que se verifica a mudança de nome. Esta alteração é, aliás, referida por ele próprio na sua obra *IN DIOSCORIDIS / ANAZARBEI DE MEDICA / MATERIA LIBROS QVINQVE / ENARRATIONES ERVDITISSIMAE / DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI / AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, / quibus non solum Officinarum Seplasia- / riis, sed bonarum etiam literarum stu- / diosis utilitas adfertur, quum pas- / sim simplicia Graece, Latine, / Italice, Hispanice, Germa- / nice, & Gallice pro-/ponantur. / Cum Priuilegio Illustrissi. Senatus Veneti ad decennium. / VENETIIS. MDLIII.*[4], na entrada sobre *De Persea arbore*[5], em diálogo que ele imagina ter com o alemão João Agrícola Amónio, nestes termos:

> *AGRICOLA: Ita certe a commentariis tuis acceperam, in quibus te Ioannem Rodericum Casteli Albi Lusitanum nominatum inveni: nunc vero quum Amatus potius adpellari mauis, in dubium vertebam an tuum illud esset opus.*
> *AMAT.: Novum non est viros rei litterariae deditos sua plerunque immutasse nomina ut apud Paulum Iovium, virum doctissimum, legitur in eo libro quo de Imaginibus doctissimorum virorum agit.*
>
> AGRÍCOLA: Vi realmente isso nos teus comentários em que te encontrei com o nome de 'O Português João Rodrigues de Castelo Branco'; agora, porém, já que preferes ser chamado 'Amato', estava na dúvida se aquela obra era tua.
> AMATO: Não é coisa nova os homens dedicados aos temas literários mudarem algumas vezes o seu nome, como se pode ler na obra de Paulo Jóvio, um homem muito sábio, no livro em que ele trata dos retratos de homens muito sábios.[6]

A formalização da mudança de nome, em termos de obras impressas, aparece pela primeira vez, em 1551, na primeira edição do volume primeiro, chamemos-lhe assim por comodidade, de uma outra obra sua que lhe deu grande fama: as *Centúrias das Curas Medicinais*, neste caso concreto, a edição *princeps* da primeira centúria[7].

---

[3] Sobre esta problemática veja-se João José Alves Dias, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2011, pp. 30-32, ainda que não partilhemos totalmente de todas as interpretações feitas pelo autor. Assinale-se ainda que este autor utiliza também o texto que vamos apresentar e traduzir de seguida numa aparente tradução própria (pp. 31-32), mas que, com duas ou três pequenas variantes, coincide com o texto e a tradução utilizados por António Andrade em "Os senhores do desterro de Portugal. Judeus portugueses em Veneza e Ferrara em meados do século XVI", *Veredas*, 6, 2006, pp. 65-108, p. 81.

[4] Esta obra passará, a partir de agora, a ser referida como *Enarrationes*.

[5] *Liber I, Enarratio CLXVI.*

[6] Todas as traduções de textos latinos serão da nossa responsabilidade.

[7] Esta obra, em referência abreviada: *Amati Lusitani Medici Physici Praestantissimi, Curationum Medicinalium Centuria Prima. Florentiae, Cudebat (sic) Laurentius Torrentinus. MDLI* teve continuação ao longo do tempo, atingindo a sétima centúria. Da obra completa é conhecida a tradução em português que teve uma reedição recente: *Centúrias de Curas Medicinais*. Tradução e prefácio de Firmino Crespo, Lisboa, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, 2010, 3.ª ed., 2 vol.

Ora, esta mudança, que teve, seguramente, um significado forte na vida do agora *Amato Lusitano*, acabou por ser também um indício para uma outra mudança que se vai verificar no tratamento de uma obra a que Amato já se tinha dedicado em 1536: INDEX DIOSCORIDIS. / En candide lector. / *HISTORIALES DI- / oscoridis campi, Exegemataque sim- / plicium, atque eorundem Collationes / cum his quae in officinis habentur, ne /dum medicis, & Myropolio- / rum Seplasiarijs, sed bona- / rum literarum studio / sissimis perquam / necessarium / opus. / IOANNE RODERICO CASTE / li albi Lusitano autore. / EXCVDEBAT ANVERPIAE VI- / dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI*[8].

De facto, há um salto qualitativo muito importante entre a edição do *Index*, em 1536, e a primeira edição das *Enarrationes*, em 1553. Na verdade, embora o ponto de partida para as duas obras seja o mesmo – o *De materia medica* de Dioscórides, ainda que por interposta fonte, como teremos oportunidade de ver – o ponto de chegada acaba por ser muito diferente[9]. Acresce ainda que o *Index* ficou profundamente marcado por um mau trabalho de edição como o próprio Amato tem a preocupação de dizer, logo a abrir a obra, no final do *Elenchus eorum quae in hoc opere continentur*, em texto dirigido ao leitor.

> *Ad lectorem. Ne forsan mireris, optime lector, quonam consilio factum sit ut tantum duos nunc priores libros emittamus, cum tamen quattuor omneis me emissurum in praefactione pollicerer, scito a nobis non temere id factum fuisse: adeo enim liber a quodam (nomen subticebo) cui corrigendi absens provinciam demandarem, depravatus erat ut parum abfuerit quin in totum suppremeremus. Ne tamen omnino opus iam diu ab aliquot amiculis petitum, illis quasi invidere viderer, permissimus utcumque hos duos in lucem exire. Tu, vero, lege libenter et ceteros in dies expecta.*[10]
>
> Ao leitor: para que não te admires, prezado leitor, por que razão estou a publicar agora apenas os dois primeiros livros, quando, entretanto, tinha prometido no prefácio que iria publicar os quatro, fica a saber que não fiz isso sem reflexão: de facto, o livro estava de tal maneira corrompido por um fulano (omitirei o seu nome) a quem pedira o encargo das correções na minha ausência, que pouco faltou para o suprimir na totalidade. Mas, para não parecer que recusava por completo esta obra já há muito tempo solicitada por alguns amigos, autorizei que estes dois livros fossem editados nestas circunstâncias. Quanto a ti, lê-os, na verdade, de bom grado e aguarda pelos restantes em próxima ocasião.

Sublinhe-se, desde já, que, embora haja a referência a um eventual prefácio, a obra não o apresenta de forma formal e autónoma, ainda que a primeira entrada, dedicada à íris, contemple uma longa exposição do autor com uma intenção claramente prefa-

[8] Esta obra passará, a partir de agora, a ser referida como *Index*. João José Alves Dias, na obra acima referida, parece preferir chamar a esta obra *Expositio* e, em termos de interpretação do que seria a verdadeira intenção do autor, até há alguma razão nessa preferência. No entanto, não podemos ignorar a folha de rosto da obra e, daí, a nossa opção.

[9] Embora já anotemos uma ou outra questão neste texto, contamos assinalar em futuros trabalhos as principais diferenças entre o *Index* e as *Enarrationes*; além disso, já se poderão consultar algumas indicações sobre esta temática em Carlos de Miguel Mora, "Do *Index* às *Enarrationes*. Um esboço de estudo comparativo através de quatro entradas", *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura*, 26, 2012, pp. 31-36.

[10] Cf. *Index* p. (A IV r).

cial. De qualquer modo, há aqui uma indicação que não fica muito clara já que João Rodrigues de Castelo Branco se justifica por apresentar apenas dois dos quatro livros prometidos, graças à incúria de alguém que ele se recusa a nomear. Não há, porém, no referido texto prefacial qualquer indicação que aponte para os tais quatro livros e, se olharmos quer para o agrupamento habitual da obra de Dioscórides quer para a edição posterior das *Enarrationes*, encontramos cinco livros pelo que ficamos sem saber onde, a quem e quando foram anunciados estes quatro livros e, em termos concretos, como seriam apresentados.

Como é óbvio, esta redução para apenas dois livros é, desde logo, uma forte marca distintiva entre o *Index* e as *Enarrationes*. Acresce ainda que, no início do livro segundo, Amato opta pela supressão de numerosas entradas (mais de cinco dezenas) como ele próprio tem o cuidado de anunciar ao leitor:

> *Etsi nobis erat in animo omnia pene Dioscoridis capita ordine recensere, necnon commentariolis nostris illustrare, tamen cum se materia de piscibus offerat, quae non omnino ad herbarum cognitionem, cui nos opus hoc dicavimus faciat, visum est mihi rem non ingratam delicato lectori me facturum, si hac piscium materia relicta nos ad herbas contulissemus aliquot prius recitatis quae ad rem videntur facere.*[11]
>
> Embora estivesse no meu espírito percorrer por ordem quase todos os capítulos de Dioscórides e ainda aclará-los com os nossos pequenos comentários, ao surgir, porém, a temática dos peixes, que nada traz ao conhecimento das plantas ao qual eu dediquei este trabalho, pareceu-me que seria uma coisa não desagradável para o querido leitor se, deixando de lado esta matéria dos peixes, me dedicasse às plantas com mais algumas referências que pareçam ter a ver com o assunto.

Assim, há uma claríssima diferença de tamanho entre o *Index* e as *Enarrationes* com o primeiro texto de João Rodrigues a ter apenas dois dos cinco livros do segundo e, mesmo assim, o segundo ainda apresenta um corte de mais de cinco dezenas de entradas[12].

É costume dizer-se que João Rodrigues/Amato Lusitano inovou na apresentação dos seus comentários ao tratado de Dioscórides ao optar por subdividir cada rubrica em três secções: *Philologia, Dioscoridis Historia* e *Iuditium Nostrum*[13].

Isto é, de facto, verdade; acontece, porém, que essa inovação é bem mais limitada do que aquilo que aparenta ser e isto por várias razões:

1. Na verdade, em termos formais, João Rodrigues de Castelo Branco faz esta divisão, mas não a segue sequer na maioria das entradas. De facto, no livro primeiro, em 164 entradas[14], 66 apresentam esta divisão tripartida, mas as outras 96 têm apenas a *Philologia*. Já no livro segundo, há um maior equilíbrio pois, em 136 entradas, 67 são

[11] Cf. *Index*, p. 34 r.

[12] Vejam-se a este propósito algumas indicações parcelares no nosso trabalho "Amato Lusitano: entre o *Index Dioscoridis* (1536) e as *Enarrationes* (1553)", *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao século XXI – Cadernos de Cultura*, 26, 2012, pp. 28-30.

[13] Cf., por exemplo, João José Alves Dias, op. cit., p. 66.

[14] A numeração, na realidade, termina na 163, mas, para além de alguns outros erros na numeração das entradas que não afetam a contagem final já que, depois, se retoma a contagem correta, aparecem duas entradas com o número 161 (dedicadas ao sicómoro e ao figo) sem qualquer correção posterior.

tripartidas e as restantes 69 apresentam apenas a *Philologia*. Como se pode ver, o autor segue a sua própria inovação apenas em perto de 45% das entradas. Acresce ainda que assume uma clara opção diferente para esta rubrica conforme se trate de uma entrada tripartida (de que falaremos a seguir) ou de uma entrada única. Na verdade, neste último caso, a configuração (e, sobretudo, a extensão) das entradas varia muito – desde uma linha de texto a várias páginas – e, num número significativo de casos, afasta-se, claramente, da configuração utilizada nas entradas tripartidas.

2. Além disso, a *Philologia*, nomeadamente nas entradas tríplices, propõe-se apresentar o nome da respetiva entrada em várias línguas. Assim, para além do grego e do latim, apresenta também os termos em algumas línguas vernáculas[15]: *Gallice*[16], *Hispanice, Lusitanice, Germanice, Theutonice, Italice*[17]. Verifica-se, porém, que no total do *Index*, apenas cerca de 20% das entradas comportam a equivalência em diversas línguas, mas não de uma forma metódica já que há constantes variações nas línguas que são apresentadas.

A este nível, há uma melhoria significativa na transição para as *Enarrationes*. De facto, neste caso, a percentagem global de entradas com referências plurilingues eleva-se a 85%, com o livro quinto a apresentar uma percentagem bastante inferior.

Poderíamos pensar estarmos perante uma inovação absoluta de João Rodrigues de Castelo Branco, mas parece-nos muito provável que a ideia lhe tenha surgido através da leitura dos comentários a Dioscórides de Marcelo Virgílio[18]. De facto, ainda que de forma diferente e sem isolar este tópico de maneira autónoma, o comentador florentino já apresentava algumas indicações de nomes diferentes para as suas entradas. Na verdade, Marcelo Virgílio faz algo de diferente: em muitos casos, mas tudo também de forma não sistemática, apresenta um nome, habitualmente decalcado do grego e, de seguida, sob a rubrica *sunt qui… vocent* (*appellent*)[19], enumera uma série de outros nomes em latim (chegam a ser mais de uma dezena), a que se seguem, em alguns casos, os termos utilizados por alguns autores (*Andreas Medicus, Democritus, Hippocrates,*

[15] Cf., por exemplo, João José Alves Dias, op. cit., pp. 66-67 e ainda um trabalho inédito de Ana Margarida de Almeida Borges apresentado numa conferência na Universidade de Aveiro. Recorremos aos dados deste trabalho, agradecendo à autora a gentileza de no-lo ter fornecido, para o restante tratamento desta temática.

[16] Optámos, deliberadamente, por manter as designações em latim já que, em alguns casos, não é muito claro o que significam alguns termos, por exemplo, *Hispanice* ou *Germanice*. De facto, os termos que aparecem sob estas designações não pertencem sempre a uma única língua e ainda é necessário um trabalho mais aturado de análise para podermos optar por uma tradução portuguesa que, eventualmente, possa cobrir todas as situações.

[17] Há, apenas, duas referências a esta língua.

[18] Veja-se, pelas razões que apontaremos adiante, a edição de 1529 (prescindimos da utilização de acentos e desdobrámos as abreviaturas): *PEDACII DIO / SCORIDAE ANAZARBEI, / DE MATERIA MEDICA LIBRI V. / DE LETALIBVS VENENIS, EORVMQUE / pręcautione & curatione. De cane rabido: Deque notis quae / morsis ictusue animalium uenenum relin- / quentium sequuntur: Deque eorum curatione LIB. VNVS. / Interprete Marcello Vergilio / Secretario Florentino. / EIVSDEM Marcelli Vergilii in hosce Dioscoridis libros commen / tarii doctissimi, in quibus praeter omnigenam variamque eruditionem, col / latis aliorum Interpretum uersionibus, suae tralationis ex utriusque lin / guae autoribus certissima adfereruntur documenta. Morborum praete / rea atque humani corporis uitiorum genus omne, quo subinde me- /minit Dioscorides, diligentissime explicatur. / COLONIAE / OPERA ET IMPEN / SA IOANNIS SOTERIS, AN- / NO MDXXIX. / Mense Augusto. / Cum gratia & priuilegio Imperiali, ad Sexennium.*

[19] Em alguns casos, o verbo acaba por ficar esquecido.

Osthanes, Pythagoras, Zoroaster, entre outros) e depois, também em alguns casos, as designações utilizadas por alguns povos, entre os quais os seguintes *Aegyptii, Aphri, Armenii, Bes(s)i, Boetii, Cappadoces, Cyprii, Dacii, Dardani, Galli, Graeci, Hispani, Magi, Marsi, Syrii, Thusci*. Para rematar a lista de palavras (ou, em muitos casos, com esta a ser a única informação disponível), Marcelo Virgílio refere, por norma, a palavra ou expressão latina mais usual utilizando de forma mais habitual, conforme as situações, uma de duas frases: *Romani … dicunt* (ou *vocant*) e *Romani pariter Graeci… dicunt* (ou *vocant*)[20]. Este sistema de designação sofre uma enorme restrição no livro quinto em que quase só aparecem as expressões *Romani … dicunt* (ou *vocant*) e *Romani pariter Graeci… dicunt* (ou *vocant*) e desaparece totalmente no livro sexto, atendendo, sobretudo, ao tipo de entradas registadas.

Todas as designações são fornecidas em latim e, como se pode verificar pela lista de povos acima referida, privilegiam, de forma muito evidente, os povos antigos, o que permitiu a João Rodrigues de Castelo Branco inovar – se, realmente, como julgamos, colheu aqui a inspiração –, ao introduzir as línguas vernáculas.

O que nos leva, porém, à convicção que acima apresentámos?

Parece claro neste momento que a edição do *Index* teve um fortíssimo contributo dos comentários de Marcelo Virgílio[21]. De facto, João Rodrigues recorreu de forma evidente à obra do comentador florentino e isso é perfeitamente claro nos textos das entradas tripartidas que aparecem sob a designação *Dioscoridis Historia*[22]. O confronto dos textos dos dois autores torna evidente que esta rubrica do autor português é uma transcrição pura e simples de uma parte do texto publicado por Marcelo Virgílio. Como regra, o texto de João Rodrigues é, apenas, uma pequena parcela, transcrita quase *ipsis verbis,* do texto utilizado pelo comentador florentino e é retirado, na maior parte dos casos, do início da descrição com uma pequena alteração na ordem das primeiras palavras (por norma, só esta alteração foge à cópia literal). Há, porém, alguns casos em que o texto é retirado do meio do texto original ou até da parte final. Não há um único caso em que esta rubrica não esteja diretamente dependente de Marcelo Virgílio.

---

[20] Estas são, realmente, as expressões mais usuais, mas, como é óbvio, há ainda uma quantidade razoável de variantes. Assinale-se uma utilização muito diminuta de *Latini* em vez de *Romani* e até a adaptação com o uso do pronome pessoal *nos*.

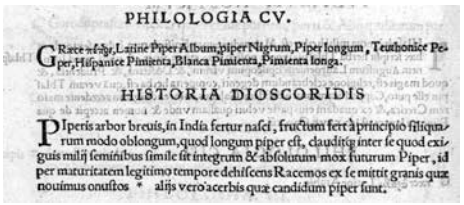
[21] Veja-se, a este propósito, João José Alves Dias, op. cit., p. 66 — que remete para um outro trabalho elaborado em parceria com Inês de Ornellas e Castro, mas que, tanto quanto sabemos, não se encontra ainda publicado — e ainda Carlos de Miguel Mora, op. cit.

[22] Na realidade, a designação não é uniforme já que também aparece com a ordem das palavras invertida *Historia Dioscoridis*. No livro primeiro, a inversão das palavras aparece em cerca de um terço das ocorrências (21 *versus* 45) e, no livro segundo, essa relação diminui para pouco menos de um quinto (12 *versus* 55). Além disso, no livro primeiro há ainda dois casos especiais: em vez de *Dioscoridis Historia*, na entrada 97, aparece *Historia albae et nigrae populus* e, na entrada 121, *Historia alterius acacie (sic)*. No livro segundo, há também alguns casos especiais: na entrada 69, aparece depois da *Philologia*, uma nova rubrica — *Minoris Plantaginis Latina nomina*; na entrada 76, também depois da *Philologia*, surge a rubrica *Nomenclatura sativi intibi*; na entrada 84, a rubrica *Iuditium nostrum* é substituída por *Marcelli Vergilii verba*; e, na entrada 104, esta mesma rubrica é substituída por *Barbari verba*. Assinalem-se ainda dois casos especiais no livro primeiro: 1. na entrada 75, dedicada ao Maná, a rubrica *Philologia* que aparece desenvolvida ao longo de quase uma página é seguida por *Petri Criniti verba Libro de Honesta disciplina, XXV, ca. VII, quo nomine apud veteres Manna diceretur* (pouco mais de meia página) e de *Mainardi Epistola Quarta Petro Crinito Florentino de manna* (cerca de duas páginas); 2. Na entrada 117 (mas que, por lapso, aparece numerada como a 131), também depois da *Philologia* (que ocupa cerca de meia página), aparece *Mainardi verba Epistolarum libro quarto: Epistola tertia*.

Sobre este assunto, João José Alves Dias[23] afirma o seguinte: "Amato escolheu a versão latina de Marcelo Virgílio (impressa em Florença, 1518 e 1523; e em Colónia, 1529). Comparámos as três edições. Concluímos que a edição seguida foi: *A Pedacii Dioscoridae Anazarbei De medica materia libri sex. Interprete Marcello Virgilio secretario Florentino, cum eiusdem annotationibus, nuperque diligentissime excusi.* – (Florentiae: per haeredes Philippi Iuntae Florentini. Anno ab incarnatione Domini. 1523)".

No confronto que fizemos, incluímos também a edição de Basileia de 1532, apesar de esta ter caraterísticas algo diferentes, e, embora esse confronto tenha, neste momento, a limitação de ter privilegiado o texto da rubrica *Historia Dioscoridis*, explorando apenas algumas vezes os restantes textos de Marcelo Virgílio e de João Rodrigues, temos praticamente a certeza – tanto quanto nestas coisas se podem ter certezas – de que a edição utilizada foi a de Basileia de 1529. E é isso que iremos tentar demonstrar.

Há, de facto, algumas particularidades do texto do *Index* que poderiam ser significativas, mas que acabam por ser comuns, pela afirmativa ou pela negativa, a estas quatro edições do texto de Marcelo Virgílio, não nos permitindo, pois, qualquer conclusão. Veja-se, por exemplo, na entrada 105 do livro segundo do *Index*, a utilização de um sinal gráfico para substituir uma palavra que o editor ou o tipógrafo não conseguiu ler e que já aparece, embora com um sinal gráfico diferente, em todas as quatro edições mencionadas (cf. as figuras 1 e 2).

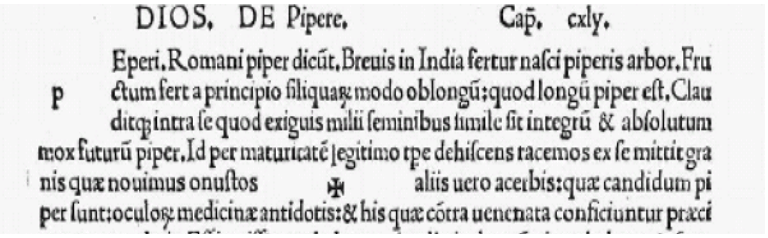

PHILOLOGIA CV.

GRace πέπερι, Latine Piper Album, piper Nigrum, Piper longum, Teutonice Peper, Hispanice Pimienta, Blanca Pimienta, Pimienta longa.

HISTORIA DIOSCORIDIS

PIperis arbor breuis, in India fertur nasci, fructum fert à principio siliquarum modo oblongum, quod longum piper est, clauditq; inter se quod exiguis milij seminibus simile sit integrum & absolutum mox futurum Piper, id per maturitatem legitimo tempore dehiscens Racemos ex se mittit granis quæ nouimus onustos * alijs vero acerbis quæ candidum piper sunt.

Figura 1: Texto do *Index*


DIOS. DE Pipere. Cap̄. cxly.

Eperi. Romani piper dicũt. Breuis in India fertur nasci piperis arbor. Fru
p ctum fert a principio siliquaꝝ modo oblongũ: quod longũ piper est. Clau
ditq; intra se quod exiguis milii seminibus simile sit integrũ & absolutum
mox futurũ piper. Id per maturitatẽ legitimo tpe dehiscens racemos ex se mittit gra
nis quæ nouimus onustos ✠ aliis uero acerbis: quæ candidum pi
per sunt: oculoꝝ medicinæ antidotis: & his quæ cõtra uenenata conficiuntur præci

Figura 2: Texto de Marcelo Virgílio na edição de 1518

Além disso, entre outras situações idênticas, nas entradas 108 e 110 também do livro segundo, João Rodrigues utiliza *poritat* (108) e *altitudinem* (110), e Marcelo Virgílio utiliza, respetivamente, *proritet* e *latitudem*, mas todas as edições apresentam esta lição.

A situação já é diferente na entrada 94 do livro primeiro. Neste caso, o *Index* tem *semina inter se cõtinent* e uma das edições de Marcelo Virgílio (1518) tem uma lição diferente – *semina* ***intra*** *se cõtinent* –, com as restantes três a apresentarem a lição seguida por João Rodrigues. Algo de semelhante se passa na entrada 73 do livro segundo em que o texto do português – *habetque intus tritici figura semẽ* – tem paralelo, embora

[23] Cf. op. cit., p.66.

com uma ligeira diferença, como veremos mais tarde, com as edições de 1523, 1529 e 1532, enquanto a de 1518 apresenta, em vez de *semẽ*, a palavra *nucleum*.

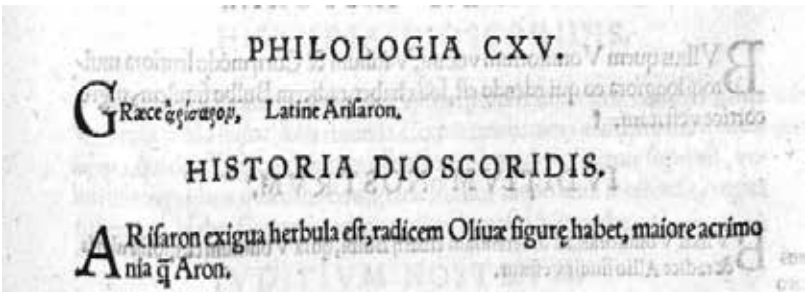
Algo de diferente vai suceder nas três situações seguintes, todas do livro primeiro:

1. na entrada 4, o *Index* tem o seguinte texto *radicibus in* ***parteis*** *distractis* que tem paralelo absoluto nas edições de 1529 e 1532, mas em que a palavra ***parteis*** está substituída por ***partes*** nas edições de 1518 e 1523;
2. na entrada 72, o texto de João Rodrigues apresenta a palavra *Saracenicae*, que também aparece com esta grafia nas edições de 1529 e 1532, enquanto as edições de 1518 e 1523 escrevem a palavra com dois *–rr–* : *Sarracenicae*;
3. na entrada 92, o texto do autor português segue novamente o texto de 1529 e 1532, dizendo *alterum eius genus Tamericus est*, enquanto as edições de 1518 e 1523 apresentam o seguinte texto: *alterum eius genus Tamericus* ***folio*** *est*.

Estes três exemplos levam-nos, num primeiro momento, a concluir que João Rodrigues de Castelo Branco seguiu ou a edição de 1529 ou a de 1532 e não a edição de 1523 e muito menos a de 1518. Isto faz, aliás, algum sentido por outras duas razões laterais e que, por si só, não seriam relevantes: estas duas edições estão muito mais próximas no tempo do ano de edição do *Index* e estão também mais próximas em termos geográficos já que são editadas em Colónia e Basileia e o *Index* é editado em Antuérpia.

Importa, agora, saber se há alguns elementos que nos permitam apontar para a edição de 1529 e afastar a de 1532 e, na verdade, há, pelo menos, dois pequenos pormenores que nos poderão levar a essa conclusão. Trata-se do não desdobramento de abreviaturas. De facto, na maior parte dos casos, o *Index* procede ao desdobramento das muitas palavras abreviadas que aparecem nas três primeiras edições de Marcelo Virgílio e, embora esta não seja uma situação absoluta, há dois momentos em que esse não desdobramento nos parece significativo (mais no primeiro caso do que no segundo, confessamos). Assim:

1. na entrada 115 do livro segundo, o *Index* apresenta uma abreviatura para a palavra *quam* que aparece nas edições de 1518, 1523 e 1529 (cf. figuras 3 e 4), mas essa mesma abreviatura já aparece desdobrada na edição de 1532 (cf. figura 5);


PHILOLOGIA CXV.

GRacce ἀρίσαρον, Latine Arisaron.

HISTORIA DIOSCORIDIS.

ARisaron exigua herbula est, radicem Oliuæ figurę habet, maiore acrimonia q̃ Aron.

Figura 3: Texto do *Index*

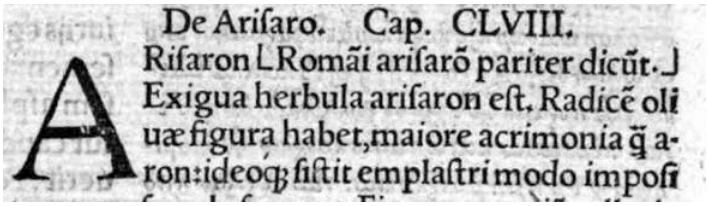

De Arisaro. Cap. CLVIII.
ARisaron ⌊Romãi arisarõ pariter dicũt.⌋
Exigua herbula arisaron est. Radicẽ oli
uæ figura habet, maiore acrimonia q̃ a-
ron: ideoq; sistit emplastri modo imposi

Figura 4: Texto de Marcelo Virgílio na edição de 1529

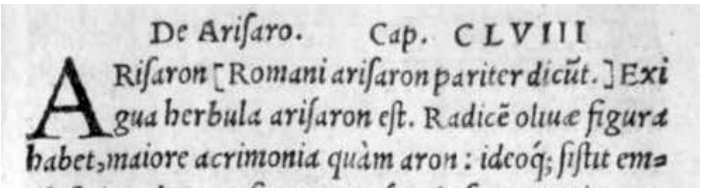

De Arisaro. Cap. CLVIII
ARisaron [Romani arisaron pariter dicũt.] Exi
gua herbula arisaron est. Radicẽ oliuæ figura
habet, maiore acrimonia quàm aron: ideoq; sistit em-

Figura 5: Texto de Marcelo Virgílio na edição de 1532

2. embora com menos significado, já que a utilização do til para indicar uma consoante nasal tem alguma frequência no *Index*, também a entrada 73 do livro segundo (que já mencionámos acima) apresenta uma coincidência com a edição de 1529 e um afastamento em relação à edição de 1532, atendendo a que, no primeiro caso, se utiliza um til em vez do *-n* – *semẽ* – e no segundo a palavra aparece completa: *semen*.

Assim, tendo em atenção os elementos apresentados, parece-nos, pois, que não restam dúvidas de que João Rodrigues de Castelo Branco utilizou para a sua edição do *Index* a edição de Basileia de 1529 dos Comentários de Marcelo Virgílio ao *De medica materia* de Dioscórides.

Índice

De amicitia loquamur 5
Maria Cristina Pimentel, Paulo F. Alberto

Tabula Gratulatoria. 9

Curriculum uitae de Arnaldo Monteiro do Espírito Santo 25

Contribuições de Arnaldo do Espírito Santo para o estudo da História. 59
José Mattoso

Secção I – Antiguidade Pré-clássica e Clássica

Em volta da *Eneida* 65
Maria Helena da Rocha Pereira

O sentido de *Dike* no poema *Trabalhos e Dias* de Hesíodo. 75
Joaquim Pinheiro

Aríon e o golfinho. Notas sobre a construção de uma lenda 85
Cristina Abranches Guerreiro

O banho de Aquiles nas águas do Estige. Reflexão breve sobre a origem e fortuna de um tema clássico 93
Luísa de Nazaré Ferreira

Variações rítmicas no trímetro sofocliano: dos *stiphe* com palavras-chave 103
Carlos Morais

Lirismo a metro ou nova estética euripidiana? As Odes Corais de *Fenícias* 111
Sofia Frade

As leis comuns dos Helenos nas *Suplicantes* de Eurípides 123
José Ribeiro Ferreira

Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos 133
Ana Alexandra Alves de Sousa

O crime político das mulheres de Lemnos. De Apolónio de Rodes a Valério Flaco. 143
Francisco Oliveira

Zeus nos *Fenómenos* de Arato: um deus democrata? 157
Fotini Hadjittofi

Utopia, paradoxografia e tradição literária nos *Incredibilia de Thule Insula* de António Diógenes 165
José Carlos Araújo

As jogadas de Sólon e a esperteza dos Atenienses: Plutarco e o uso irónico da teatralidade e das metáforas na *Vita Solonis* 175
Delfim F. Leão

O recém-nascido em Sorano de Éfeso 187
Cristina Santos Pinheiro

La "patria" romana 195
Carmen Codoñer

Oblitus fatorum: memória e esquecimento na *Eneida* 203
Virgínia Soares Pereira

Aspectos da construção da viagem na *Eneida* de Virgílio: *fatum*, conhecimento, incidente e obstáculo 215
Cláudia Teixeira

Herodes-o-Grande na *Eneida*? Nota a Verg. *Aen.* 8.642-645 221
Nuno Simões Rodrigues

Ercole, fra Antonio e Augusto (Prop. 4,9) 229
Paolo Fedeli

Tiempo mítico y espacio real en la poesía ovidiana del destierro 239
Carlos de Miguel Mora

Aliquid Magnum: a "épica" de Marcial 247
Ana Maria Lóio

Pertinenza della similitudine del Nilo con la siccità della Argolide. Intertestualità, paradossografia e scoliastica nel quarto libro della *Tebaide* di Stazio 255
Carlo Santini

A possibilidade da liberdade humana nos *Anais* de Tácito 265
António de Castro Caeiro

Epicharis quaedam 275
Maria Cristina Pimentel

O destino e a história nas *Vidas dos Césares* de Suetónio 285
José Luís Lopes Brandão

A ética religiosa e social na Assíria (I milénio a.C.) 297
Francisco Caramelo

O ocaso do Império Ateniense. A batalha por Siracusa 415-413 a.C. 301
José Varandas

As cerimónias de coroação real dos Ptolomeus. Formas de reconfiguração política num país multimilenar 307
José das Candeias Sales

Sobre a data da introdução do culto de Mitra em Roma 317
Paulo Sérgio Margarido Ferreira

Em torno da versão portuguesa dos etnónimos do Ocidente peninsular e do nome dos *Zoelae* em particular 329
Amílcar Guerra

Ptolomeu, *Geogr.* II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? 343
José Cardim Ribeiro

Algumas considerações sobre a onomástica romana na região de Olisipo: os *Fabricii* 381
Maria Manuela Alves Dias
Catarina Gaspar

Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa 389
Carlos Fabião

Secção II – Antiguidade Tardia e Idade Média

How to read (and even understand) Cetius Faventinus VI, 4 413
David Paniagua

Los De (sancta) Trinitate *de Isidoro de Sevilla* 419
María Adelaida Andrés Sanz

O poema astronómico do Rei Sisebuto 427
Paulo Farmhouse Alberto

Barbarismus y *soloecismus* en el *Liber Glossarum* 437
José Carracedo Fraga

Apostilla a la composición del códice Paris, BnF, latin 11219 447
Manuel E. Vázquez Buján

O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo 455
Paula Barata Dias

Observaciones iconográficas y filológicas al sarcófago paleocristiano (c. V) de Écija (Antigua Astigi, Sevilla) 465
Ángel Urbán

Passio de São Sebastião: o poder do discurso martirológico 481
Maria João Toscano Rico

Existiram Suevos entre os reis Remismundo e Teodomiro? 491
Rodrigo Furtado

El culto a San Benito en Galicia 507
Manuela Dominguez

O culto de S. Tomás de Cantuária em Portugal: um manuscrito de Lorvão como testemunho e outros indícios 517
Aires A. Nascimento

Secção III – Do Renascimento ao Século XVIII

Cuidado da alma e poética da solidão em Francisco Petrarca 537
Leonel Ribeiro dos Santos

D. Duarte, a prudência e a sabedoria 551
† Teresa Amado

Isaac Abravanel vulto da cultura luso-judaica quatrocentista 557
Saul António Gomes

Consonância e Proporção na Arte de Edificar: do Mundo Antigo ao Mundo Moderno 563
† Vítor Manuel Ferreira Morgado

Séneca Revisitado: A Tragédia Quinhentista 575
Nair de Nazaré Castro Soares

Uma carta de Jacques Peletier a Pedro Nunes 589
Bernardo Mota
Henrique Leitão

Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações) 601
João Manuel Nunes Torrão

Fernando Oliveira e Louis Meigret: humanistas, gramáticos e tradutores de Columela 611
António Manuel Lopes Andrade

Plus ultra e *Sphera Mundi*. A propósito do termo *imperium* em Damião de Góis. Para uma abordagem contrastiva dos humanismos peninsulares 619
Ana María Sánchez Tarrío

Fernão Mendes Irmão Noviço 631
Luís Filipe Barreto

Loca multum ante descripta. Sobre um passo da *Menina e moça* 653
Rita Marnoto

El influjo de Juan Luis Vives en Juan Lorenzo Palmireno: ¿*Codex Exceptorius* o *Codex Excerptorius*? 661
José María Maestre Maestre

Un caso peculiar de recepción de la obra de Jerónimo 683
M.ª Elisa Lage Cotos
José M. Diaz de Bustamante

Percurso histórico do códice seiscentista do *Livro que fala da boa vida*... 699
António Manuel Ribeiro Rebelo

Luís da Cruz no elogio da Rainha Santa: em defesa de Roma, contra os ventos da Reforma 707
Manuel José de Sousa Barbosa

Mores qualitas fabulae. Acerca de la función de los caracteres trágicos en la *Poética* de J.C. Escalígero 717
María Nieves Muñoz Martín
José A. Sánchez Marín

A Expressão das Relações de Poder no Prólogo da *Écloga Gérion* de Lucas Pereira 727
José Sílvio Moreira Fernandes

Vis & vis viva 735
Ricardo Lopes Coelho

Camões e Vieira, na senda de Ovídio 745
Carlos Ascenso André

Censura de alguns sermões no processo inquisitorial de Vieira 755
Maria Lucília Gonçalves Pires

"As leis da boa e verdadeira retórica" 761
Isabel Almeida

O Sermão do Padre António Vieira sobre Santo Agostinho (Lisboa, 1648), com um aceno a Daniel Faria 769
Mário Garcia, sj

Vieira, consciência crítica da Monarquia Restaurada 777
José Nunes Carreira

Narratividade mítica da História segundo a epistemologia apocalíptica 787
José Augusto Ramos

Alexandre Magno no imaginário futurista do Padre António Vieira 795
Abel N. Pena

Roma, 1641: Uma Síntese Argumentativa da Restauração 805
André Simões

Um "*curioso de mãos*": Tomás Pereira, artífice na Corte de Kangxi (1673-1708) 817
Cristina Costa Gomes
Isabel Murta Pina

Sobre o ensino dos Jesuítas e o caminho para a descoberta das ciências 825
Margarida Miranda

Os jesuítas no Japão, precursores do mundo global 835
Carlota Miranda Urbano

Função e intenção na correspondência enviada pela Rainha D. Mariana Vitória (1718-1781) a seus pais e a seu irmão D. Fernando 843
Vanda Anastácio

Secção IV – Do Século XIX aos Nossos Dias

O *Discurso historico e critico…*, de D. Francisco Alexandre Lobo: um olhar diferente sobre a vida e a obra de Vieira 859
Ana Paula Banza

Vieira, Pascoaes e o Quinto Império 869
Manuel Cândido Pimentel

Partes da 1.ª representação de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett 877
João Dionísio

Literatura: uma escola da vida 887
Maria do Céu Fraga

Vinte horas de leitura: como se fazem romances? 893
Helena Carvalhão Buescu

A música dos versos – Litanias finisseculares e contemporâneas 901
Paula Morão

Pedro e Inês sob o signo do burlesco 915
Manuel Ferro

A sedução impressionista de Walter Pater. 933
TERESA DE ATAÍDE MALAFAIA

Coimbra. O mito da juventude no imaginário de Vergílio Ferreira 939
MARIA DO CÉU FIALHO

Filoctetes no Atlántico. Comentarios a *The Cure at Troy*, de Seamus Heaney 949
HELENA DE CARLOS

O ponto de vista lutuoso em literatura. O caso de *Necrophilia*, de Jaime Rocha 957
MANUEL FRIAS MARTINS

A Vida Moderna de um Conceito Antigo: Democracia em Portugal no Século XIX. 965
RUI RAMOS

"Meninas prendadas" e "fêmeas ambiciosas":Portugal, Cajal e o papel da mulher na investigação biológica na primeira metade do século XX 989
JOSÉ PEDRO SOUSA DIAS

O que falta ao mundo de hoje, Humanismo ou Teocracia? 1009
RAUL MIGUEL ROSADO FERNANDES

O tempo do desejo 1017
MANUEL J. CARMO FERREIRA

Ideologia, idiologia. Uma nótula cursiva. 1023
JOSÉ BARATA-MOURA

À Mesa da Vida. Comunidade e comensalidade em Michel Henry. 1035
JOSÉ MARIA SILVA ROSA

Novamente a(s) Literatura(s), a(s)Arte(s) e a(s) Ciência(s). Apontamentos para um Projecto de Estudo Comparativo 1047
ALCINDA PINHEIRO DE SOUSA

A língua portuguesa e o relativismo linguístico 1051
INÊS DUARTE

Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas 1059
CARLOS A. M. GOUVEIA

Português para Fins Académicos: o que conta na produção do significado? 1073
ANTÓNIO AVELAR

Meminimus quae placidum nobis paruis Arnaldum dictae ou como o latim se tornou clarinho 1087
ANA FILIPA ISIDORO DA SILVA
RICARDO NOBRE